

TECENDO A VIDA SOB BRAÇOS-FORTES

Caracterização da violência contra mulheres na
cidade de São Gabriel da Cachoeira/AM



ACESSE AQUI OS
DADOS COMPLETOS
DA PESQUISA.



Observatório da
Violência de Gênero
no Amazonas

FICHA TÉCNICA

Organização e Coordenação Científica

Flávia Melo

Coleta de Dados

Dulce Meire Mendes Moraes

Elizangela da Silva Costa

José Miguel Nieto Olivar

Juçara Lobato da Silva

Tabulação de Dados

Denise Bentes Soares

Elizabete Moraes

Marilene Aicate Peres

Análise de Dados

Welliton Forlin

Coordenação Técnica

Luiz Rogério Lopes Silva

Projeto Gráfico, Ilustração e Diagramação

Natasha Nunes Ricardo Lourenço

Local e Ano

Manaus, 2023

REALIZAÇÃO



Observatório da
Violência de Gênero
no Amazonas



UFAM



FINANCIAMENTO



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO



APOIO



SOBRE O OVGAM

O Observatório da Violência de Gênero no Amazonas (OVGAM) é um programa universitário interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão, criado em 2011 na Universidade Federal do Amazonas. Está vinculado aos grupos de pesquisa ILHARGAS e GESECS, ambos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM. Nosso método de produção e análise de informações tem como recorte empírico as violências experimentadas pelas

mulheres e reportadas à polícia. Nossa fonte primária de dados são os boletins de ocorrência produzidos em delegacias do interior do Estado do Amazonas. Nosso marco teórico-metodológico advém da abordagem etnográfica e dos conceitos de gênero e violência, assumidos como categorias prático-analíticas, sociais, relacionais e interseccionalmente situadas.

PARA SABER MAIS
ACESSE O QR CODE

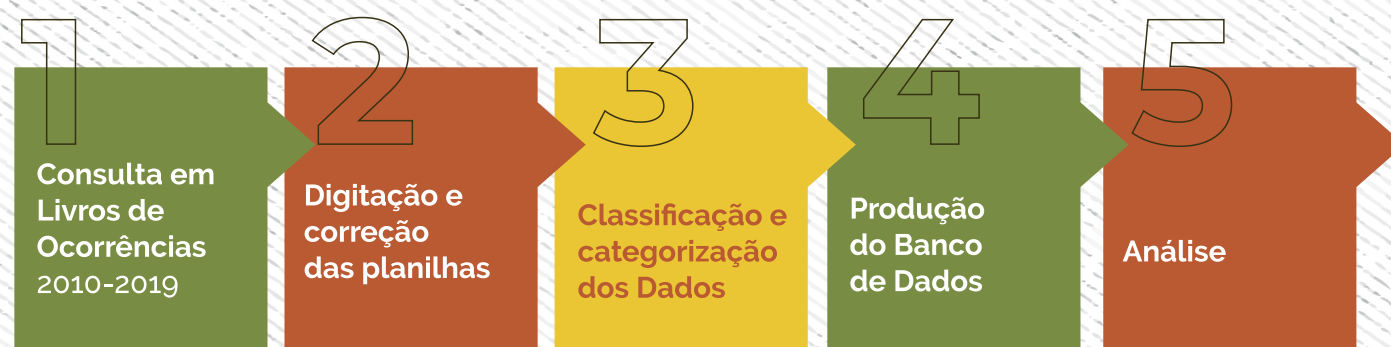


PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A caracterização da violência contra mulheres reportada à polícia na cidade de São Gabriel da Cachoeira/AM faz parte de uma pesquisa-ação de longa duração realizada desde 2012 pelo OVGAM. A coleta de dados na cidade aconteceu em duas etapas, nos anos de 2015 e 2020.

A **primeira etapa** aconteceu em julho de 2015 e abrangeu a consulta a oito livros de ocorrência produzidos de 01/01/2010 a 04/01/2014. Esses dados foram tabulados no ano de 2018.

A **segunda etapa** de coleta ocorreu em fevereiro de 2020 quando consultamos sete livros de ocorrências e Formulários Impressos, todos produzidos entre 01/01/2014 a 31/12/2019. Após a coleta, procedemos à digitação e correção das planilhas para, então, realizar a classificação e categorização dos dados para a análise.



PROVOCAÇÕES

● No caso de São Gabriel da Cachoeira, a discussão sobre **subnotificação da violência de gênero** (ou seja, a parcela de crimes que não é reportada à polícia) deve se somar à indagação sobre as razões da omissão de dados pessoais, principalmente de vítimas, no registro policial.

● A diversidade étnica influencia as percepções e dinâmicas locais de violência e deve ser considerada para o melhor entendimento do problema. Isso exige **observar as relações interétnicas como um aspecto indispensável** para a formulação de políticas de prevenção, proteção e cuidado.

● A militarização da cidade pode influenciar um ambiente propício ao aumento de comportamentos agressivos, devido às **tensões e interações entre forças de defesa e segurança e comunidades locais**.

● A explicação para a **lacuna de informações nos registros policiais** pode ser multifatorial: a percepção de agentes do Estado sobre a violência contra mulheres; a hierarquização de crimes considerados mais ou menos graves; e as condições materiais e de formação para a atuação na polícia judiciária.

● A numerosa presença de homens vinculados a instituições militarizadas, agentes do Estado e com porte legal de arma deve ser levada em consideração nas **medidas de controle da atividade policial e militar**; e na formulação de **protocolos para mitigação de danos causados pelo armamento**.

● Os dados indicam a necessidade de investigar melhor as possíveis **correlações entre o perfil de agressores e de vítimas e a presença de instituições armadas e militares na cidade**.



ACESSE AQUI OS
DADOS COMPLETOS
DA PESQUISA.



Imagem por: Jose Miguel Miguel Olivar

APRESENTAÇÃO

Este relatório nasce de um esforço coletivo para responder às constantes queixas de mulheres lideranças do **Departamento de Mulheres Indígenas da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)** a respeito das violências que as afligem em São Gabriel da Cachoeira/AM, a "cidade mais indígena do Brasil".

Há alguns anos, uma série de iniciativas têm sido desenvolvidas por meio da parceria entre o **Observatório da Violência de Gênero no Amazonas** da Universidade Federal do Amazonas, o **Coletivo de Pesquisa em Antropologia, Arte e Saúde Pública** da Universidade de São Paulo, e

o **Departamento de Mulheres Indígenas do Rio Negro da FOIRN** e **Instituto Socio-ambiental (ISA)**, para melhor conhecer o problema e construir caminhos coletivos para mitigação e prevenção.

Esse empreendimento coletivo tem buscado conhecer mais e compreender melhor as formas de violência com as quais as mulheres indígenas rionegrinas são socialmente obrigadas a lidar nos seus percursos de vida, especialmente na cidade de São Gabriel da Cachoeira; e aprender mais sobre como essas mulheres e suas redes lidam com estas agressões, conflitos e violências.

O LUGAR DA PESQUISA

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

Estado: Amazonas

Área: 110 mil km²

População: 51.795 habitantes*

Fronteira: Colômbia e Venezuela

Línguas: Português, Nheengatu, Tukano e Baniwa
Município com maior predominância
de indígenas no Brasil



CACHOEIRA DO
CABEÇA DO

*IBGE 2023

PERFIL DOS CRIMES

Para categorizar os diversos crimes notificados, adotamos a tipologia de violências da **Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha)**: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Embora não tenhamos restringido a pesquisa à **violência doméstica e familiar**, encontramos o mesmo repertório de

abusos contra mulheres em São Gabriel da Cachoeira. Os tipos mais frequentes também coincidem com o padrão brasileiro de crimes contra mulheres, destacando-se a violência física (lesões corporais), psicológica (ameaças) e moral (calúnias e difamações).



PERFIL DAS VÍTIMAS

A ausência de dados pessoais básicos, como idade e nacionalidade das vítimas, revela um grave problema, pois, em geral, são as próprias mulheres que procuram a delegacia para a denúncia. Nessas circunstâncias podemos atribuir ao agente público responsabilidade por esta omissão

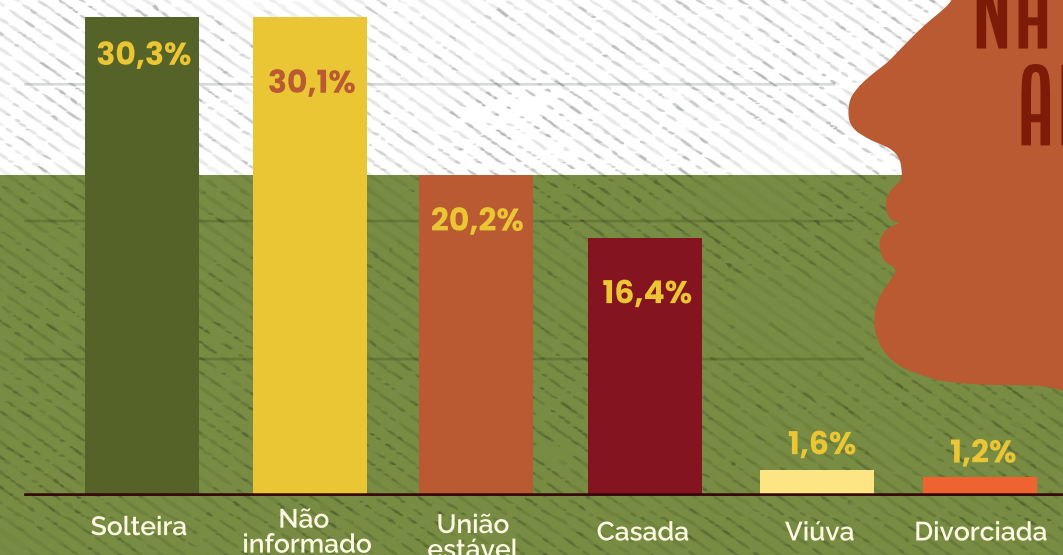
que nos impede de conhecer melhor essas mulheres. Ainda assim, a ocupação predominantemente registrada (trabalhadoras domésticas ou de serviços gerais) é um indicador de classe social, e revela aspectos da relação da polícia com os segmentos mais pobres da população.

OS DADOS INFORMAM:

- Das vítimas com idade informada, 54,4% (1238) possuem entre 19 e 40 anos. Dos registros, 11,8% (269) são de vítimas com idade igual ou inferior a 18 anos. Dos casos, 14,5% (331) dos registros não tiveram a informação da idade da vítima.
- As vítimas com nacionalidade brasileira são de 13,7% (312 casos), enquanto 86,3% (1964) não tiveram sua nacionalidade informada e apenas um caso com nacionalidade colombiana.

- Do total das vítimas, 63,9% (1455) são naturais do estado do Amazonas e 98,8% (2250) delas não tiveram sua etnia/raça informada.
- Em relação à ocupação das vítimas, 37,4% (852) não tiveram sua ocupação informada e outras 19,3% (440) são trabalhadoras domésticas ou de serviços gerais.

ESTADO CIVIL DA VÍTIMA



BRASILEIRA
IDADE 19 - 40
NATURAL DO AMAZONAS
DOMÉSTICA
SERVIÇOS GERAIS

PERFIL DE AGRESSORES(AS)

U

No caso de agressores, nota-se a predominância masculina entre perpetradores das violências (embora mulheres também figurem entre eles); e uma distribuição etária entre autores que abrange da adolescência à vida adulta.

A origem em outros estados do país, como Maranhão e Rio Grande do Sul, e a substantiva presença de homens vinculados a instituições militarizadas nos registros que informam ocupação (61%) é um dado que merece destaque.

PROFISSIONAL DA SAÚDE
AUTÔNOMO(A) MILITAR
POLICIAL GUARDA MUNICIPAL
ESTUDANTE
MOTORISTA
COMERCIANTE
SERVIDOR(A) PÚBLICO(A)
SEGURANÇA PRIVADA

OS DADOS INFORMAM:

61% DOS CASOS
COM OCUPAÇÃO
INFORMADA ERAM DE
PROFISSÕES ARMADAS E MILITARIZADAS

66,9% DOS CASOS
SÃO COMETIDOS
POR HOMENS

19,4%
POR MULHERES



● Dos autores com idade informada, 9,1% possuem entre 19 e 40 anos. Dos registros, 2% são de autores com idade igual ou inferior a 18 anos.

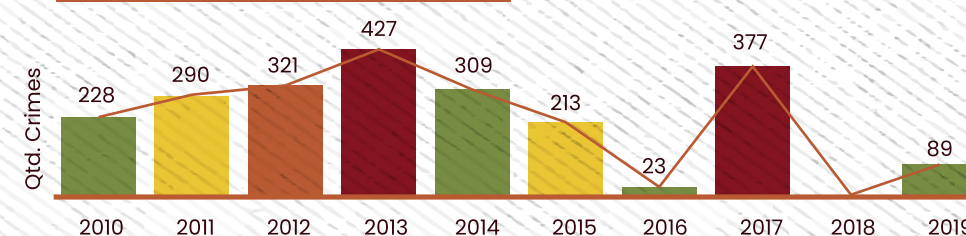
Naturalidade	Casos	Naturalidade	Casos
Outro	2257	Pará	3
Amazonas	11	Terra Indígena	2
Maranhão	3	Rio Grande do Sul	1

CARACTERÍSTICAS DOS REGISTROS

Com o total de 2277 crimes registrados entre 2010 e 2019 no município de São Gabriel da Cachoeira, o ano de 2013 foi o com maior número de registros, sendo 33% superior ao ano anterior e 87% superior a 2010. A partir de 2013 vemos uma queda nos registros indicando a subnotificação

nos anos de 2016, 2018 e 2019. O ano com com menor número de registros foi 2016; e sobre o ano de 2018 não encontramos os registros. Uma característica da base de dados dos registros criminais é a ausência de informações de vítimas, autores e crimes cometidos.

NÚMEROS DE CRIMES POR ANO



2277
CRIMES REGISTRADOS

INVISIBILIDADE INDÍGENA NA CIDADE "MAIS INDÍGENA" DO BRASIL

O elevado número de informações omitidas na produção dos boletins policiais impede traçar um perfil mais completo sobre vítimas e autores, especialmente no que diz respeito ao pertencimento étnico. Para uma ideia mais precisa, dos 2277 boletins analisados, apenas **32 continham informações étnicas de vítimas e autores**. No caso das primeiras, **27 mencionaram a etnia: 7 Tukano, 4 Tariano, 4 Tuyuka, 3 Desana, 2 Baré, 2 Baniwa, 2 Piratapuaia, 1 Arapaso, 1 Kubeo, 1 Kotiria**. Quanto aos autores, apenas **5: 1 Tukano, 2 Baré, 1 Yanomami e 1 classificado genericamente como "Indígena"**. Se considerarmos que **93,2% da população municipal é indígena**, podemos seguramente pressupor que existem muito mais mulheres e homens

indígenas nesses registros. A elevada taxa de subnotificação, no entanto, não nos permite mensurar a lacuna. Entretanto, se acrescentamos à análise a reiterada preocupação das mulheres indígenas com as violências; os aportes etnográficos de estudos anteriores (Lasmar, 2005; Santos, 2018; Olivar, 2019; Moraes, 2022); e os abundantes relatos de violências que escutamos de mulheres e meninas indígenas de São Gabriel da Cachoeira, podemos perceber como esta omissão configura um importante obstáculo para o enfrentamento etnicamente diferenciado da violência de gênero.

Lasmar, C. 2005. **De volta ao Lago de Leite**: Gênero e transformação no Alto Rio Negro. São Paulo: Editora UNESP/ISA; Rio de Janeiro.
Santos, F.V. 2018. **O arco e o fuzil**: a convivência entre os Ye'pâ-Masá e os militares do Exército Brasileiro em Pari-Cachoeira, Noroeste Amazônico. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Unicamp: Campinas.
Olivar, J.M.N. 2019. **Caçando os devoradores**. Agência, "meninas indígenas" e enquadramento neocolonial. Revista de Antropologia da USP, vol. 62 (1).
Moraes, D.M.M. 2022. **De documentos, cactos e vírus**: violência sexual, mulheres indígenas e Estado em São Gabriel da Cachoeira. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. USP: São Paulo